

Apresentação de Estudos da Criança: Diversidade de olhares²

Esta obra está dividida em duas partes. A primeira subordinada ao tema *As Artes e a Educação Física no desenvolvimento infantil*, enquanto que a segunda agrupa temáticas relacionadas com a *Criança, Textos e Leituras*.

No primeiro capítulo, intitulado *A semântica da cor e suas implicações simbólicas face às ilustrações dos livros premiados pelo prémio nacional de ilustração (2000-2009): A voz das crianças*, Gabriela Sotto Mayor considera que a cor contém relevantes e diversos significados simbólicos, independentemente da sua utilização analógica e/ou digital. No universo da literatura infantojuvenil (LIJ), a ilustração, na vertente cromática, (re)produz uma multiplicidade de conteúdos, suscitando abundantes e plurais leituras. Em Portugal, os estudos que contemplam a opinião e o envolvimento da criança na fruição de livros de literatura infantojuvenil (LIJ), ainda são raros, sendo precisamente neste contexto que este estudo se insere. Assim, ao longo do capítulo, a autora pretende dar conta de algumas das respostas verbais de crianças com 5, 8 e/ou 11 anos face às ilustrações de livros ilustrados de literatura para a infância, premiados com o Prémio Nacional de Ilustração no período entre

² Azevedo, F.; Vieira, H.; Fernandes, N. & Pereira, B. (2018). Apresentação de *Estudos da Criança: Diversidade de olhares*. In F. Azevedo, H. Vieira, N. Fernandes, N. & B. Pereira (Org.), *Estudos da Criança: Diversidade de olhares* (pp. 11-21). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança.

2000 e 2009, com particular ênfase nos pontos de vista relacionados com a cor. Numa abordagem de carácter qualitativo, Gabriela Sotto Mayor considera que foi possível perceber, pela voz do destinatário preferencial, que a cor veiculou sentimentos, contextualizou a temática, refletiu pormenores da cultura ocidental ou serviu como referencial de género, por exemplo.

No segundo capítulo, Ana Isabel Cruz e Graça Boal Palheiros procuraram investigar a motivação de crianças e jovens dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico para participarem em atividades de prática vocal extracurriculares e a influência que o reportório do grupo poderia ter nessa motivação. Foram considerados dois contextos de prática vocal extracurricular: um coro e um clube de canto. Foi utilizada uma metodologia mista, envolvendo diferentes métodos de recolha de dados: observação de ensaios; realização de um inquérito por questionário às crianças e aos adolescentes dos dois grupos; realização de entrevistas semiestruturadas aos responsáveis de cada grupo; análise do reportório interpretado pelos grupos no ano letivo 2014/15; e análise de documentação relevante.

A avaliação que as crianças e os adolescentes fizeram da sua participação nas atividades de prática vocal foi bastante positiva, tendo-se destacado, em ambos os grupos, os aspetos musicais e sociais da experiência como aqueles que mais determinaram a entrada e a permanência na atividade. De uma maneira geral, os membros do Clube de Canto evidenciaram um maior grau de satisfação com o reportório do grupo, o que seria de esperar tendo em conta que têm um papel ativo na escolha do mesmo e que este reflete as suas preferências musicais. Os participantes propuseram poucas alterações ao reportório do grupo. Os membros do Coro foram mais críticos em relação ao reportório do grupo, manifestando preferência pelas canções/obras mais próximas do estilo popular, em detrimento de

peças com um registo mais próximo do erudito. Os membros do Coro foram mais consistentes na justificação das suas preferências, recorrendo a aspetos musicais das peças, e propuseram várias alterações ao repertório do grupo. Com base nos resultados obtidos, foram identificadas algumas estratégias com possíveis implicações na motivação dos alunos nas aulas de Educação Musical.

No terceiro capítulo, intitulado *O diário gráfico usado na aula de Educação Visual e Tecnológica como forma de expressão pessoal e de autorregulação da aprendizagem*, Maria Cristina Magalhães e José Alberto Martins buscam refletir sobre o uso do diário gráfico como forma de expressão pessoal e de autorregulação da aprendizagem, bem como avaliar o uso do diário gráfico no desenvolvimento de competências. A análise de conteúdo à amostra de conveniência de 12 entrevistas realizadas aos alunos, segundo metodologias definidas, permitiu obter um quadro de categorias, subcategorias, descritores e unidades de registo. Através da análise e discussão dos resultados evidenciase o uso do diário gráfico na aula de Educação Visual e Tecnológica como facilitador da aprendizagem, como recurso formativo usado pelo aluno para resolver diferentes situações, problemas e desafios e como autorregulador das aprendizagens.

No quarto capítulo, Sidmar Silveira Gomes procura uma reflexão histórico-filosófica sobre a constituição do teatro infantil brasileiro, tendo como inspiração teórico-metodológica a arqueogenealogia de Michel Foucault, no que se refere aos deslocamentos, emergências e contingências de suas práticas. O ensaio tem como fito analisar a forma com que, ao longo de sua história e a título de difusão cultural, as práticas do teatro infantil brasileiro se afiliaram ao rol das práticas de governamentalidade e das experiências educativas não escolares, buscando realçar

discursos de justificativas e necessidades do teatro infantil brasileiro dotados de apelos reiteradamente educativos.

No quinto capítulo, Júlia Correia efetua uma análise crítica dos programas oficiais e da legislação da educação dramática em vigor desde 1975. A autora reconhece a existência de dois níveis de análise, um que compreende o estudo das propostas contidas na legislação e que se podem integrar e relacionar com o universo da educação dramática, e outro que reflete a dimensão real da sua aplicabilidade no Sistema Educativo.

No sexto capítulo, intitulado *Jogo e autoconfiança em crianças do 1º ciclo do Ensino Básico*, Inês Silva, Beatriz Pereira e Aurora Teixeira consideram o jogo como o comportamento típico em qualquer criança, que constitui a essência e a razão da infância, o modo como a criança descobre, explora, aprende e vê o mundo, e comunica com os pares, promovendo a socialização intra e intergeracional. A autoconfiança é concebida como uma característica essencial na vida pessoal e profissional de qualquer indivíduo. O capítulo apresenta um estudo onde se buscou identificar a presença de uma das características empreendedoras, a autoconfiança, em crianças do 1º ciclo de Ensino Básico, em contexto de jogo estruturado.

No sétimo capítulo, intitulado *Da crisálida à borboleta: uma metáfora sobre a liberdade de brincar e se movimentar como ação imanente ao mundo da vida da criança*, Roselaine Kuhn e António Camilo Cunha propõem uma analogia poética entre o brincar e se movimentar em liberdade e a crisálida como metáfora da infância, que auto germina crianças-borboletas. O ponto de partida é o reconhecimento do brincar e movimentar-se como ação imanente ao mundo da vida das crianças que, com liberdade e autonomia, crescem e se desenvolvem num processo semelhante à metamorfose. O capítulo organiza-se à volta destas metáforas estruturadoras, concluindo os autores acerca da

necessidade de encarar o jardim-de-infância como um tempo e um espaço onde se cultive a curiosidade, a experimentação, as vivências significativas, as experiências dos sentidos, a imaginação e a descoberta com liberdade e prazer, com autonomia e responsabilidade.

No oitavo capítulo, intitulado *O tempo no tempo das crianças*, António Camilo Cunha e Roselaine Kuhn refletem sobre algumas questões levantadas a partir das relações e constatações se têm estabelecido no contexto social e educativo com o tempo, em particular, com o tempo escolar e o tempo das crianças: O que é o tempo? Qual o valor do tempo? Como é o tempo das crianças? Como elas o sentem e o percebem? Como ocupam o seu tempo nas brincadeiras? Como ocupam o seu tempo na escola? Como vivenciam e experimentam o tempo no brincar? Como nós educadores (pais, professores) o percebemos e administramos? Quem o controla e o define? Percorrendo a temática tempo e situando-a no contexto da criança, do brincar, da escola e do trabalho duas grandes representações parecem emergir: i) o tempo como construção racional, modelar, planeado, sistematizado; ii) o tempo como manifestação natural, experiencial, ecológica, fenomenológica. Desta dialética entre o tempo da racionalidade, dos relógios, da cultura e o tempo natural, do cosmos, ocupar-se-á este capítulo.

No nono capítulo, intitulado *O trajeto casa-escola. Estudo com crianças dos 10 aos 16 anos*, Ana Paula Matos, Beatriz Pereira, Sérgio Souza, Ana Silva e Eduarda Coelho defendem que a atividade física, durante a juventude, exerce uma influência favorável na maturação biológica e aptidão física dos jovens e no seu desenvolvimento pessoal e social. O capítulo apresenta um estudo que descreve as formas de deslocamento no trajeto casa-escola de crianças do Ensino Básico em três escolas públicas do concelho de Braga, buscando compreender se a distância é uma

determinante para o uso do meio de transporte. O ponto de vista das autoras é que a utilização da bicicleta, como meio de transporte, proporciona autonomia, desenvolve a coordenação motora, o equilíbrio, estimula a atenção, a disciplina, a concentração e integra amigos.

No décimo capítulo, Evandro Oliveira e Camilo Cunha dedicam a sua atenção às personagens que se destacam na mídia, sobretudo, os heróis de desenhos animados e filmes de ação, que são tomados como referências para as crianças na contemporaneidade. Na perspectiva dos autores, as crianças, ao interagir com estes heróis, constroem novas maneiras de brincar e diferentes modos de jogar e competir. Nesse cenário, as culturas infantis e os novos modos de brincar têm sido subsidiados pela forte presença da mídia. Na busca de compreender esse universo, o capítulo propõe-se conhecer e discutir a influência das personagens da mídia nas brincadeiras infantis, bem como as expressões que ocorrem nas atividades lúdicas que as crianças realizam na escola, por meio de uma metodologia de pesquisa que toma a criança como protagonista nos processos e fenômenos. É também, intenção dos autores do capítulo compreender questões do universo infantil, cujo foco são as crianças inseridas em contextos educativos emergentes, como as aulas de Educação Física, espaços em que ocorrem interações capazes de construir novos conhecimentos, a partir das relações que as crianças estabelecem entre si e das interações que se processam com a mídia durante suas vidas e nas suas culturas lúdicas. Para conhecer e compreender essas questões, a adoção do método qualitativo consiste na premissa mais prudente para o desenvolvimento da pesquisa. Trata-se de uma investigação inspirada na etnografia e na observação participante, desenvolvida com crianças entre 4 e 5 anos num Jardim de Infância de Mineiros, Goiás (Brasil). É possível observar que as

crianças têm desenhado novas e diferentes maneiras de brincar, movimentar, relacionar-se com o outro, dialogar, agir e produzir cultura. Nesses processos, elementos da mídia aparecem e atravessam a vida das crianças por meio de diferentes meios e tecnologias digitais que atualmente se encontram disponíveis em todos os cantos do Brasil e, porventura, em quase todas as regiões do planeta. Este fato parece colocar em causa o lugar da experiência – enquanto manifestação do *corpo-mesmo (um interno)* e que não esquece a tradição, a cultura e a memória, trazendo aqui o pensamento de Walter Benjamin - em que o *presente* se caracteriza como um fenômeno forte, que apaga o passado e o futuro, de modo a conceder sempre um presente interminável.

No capítulo décimo primeiro, Leonel Lusquinhos e Graça Simões de Carvalho buscam identificar o enquadramento, as orientações e normas referentes à educação e promoção da saúde emanadas pelos Ministérios da Saúde e da Educação. É intenção igualmente dos autores conhecer a realidade, na prática, da parceria entre saúde e educação, envolvendo todos os intervenientes, com a identificação de fatores críticos. Atendendo ao facto que um dos grandes objetivos do Programa Nacional de Saúde Escolar ser o aumento da literacia em saúde dos jovens, que frequentam os estabelecimentos de ensino nacionais, este estudo irá avaliar a literacia em saúde dos alunos. Isto porque, um nível de literacia em saúde baixo está associado a piores condições gerais de saúde, bem como a uma elevada prevalência e severidade de algumas doenças. Assim, o artigo busca contribuir para desenhar propostas que visem potenciar a reflexão junto dos profissionais de saúde e educação relativamente às práticas de Promoção e Educação para a Saúde, para que as crianças e jovens possam desenvolver, de forma mais efetiva, as suas competências em saúde.

No capítulo décimo segundo, Diana Martins dedica a sua atenção ao livro de ilusão ótica para a infância. Este ensaio toma como balizas teóricas conceitos e matérias situadas no domínio dos Estudos Literários, da História, da Análise e Hermenêutica Textual e do Design, em articulação com conteúdos da Psicologia do Desenvolvimento. A tipologia dos livros de ilusão ótica merece, na perspectiva da autora, uma reflexão, dada a ausência de publicações centradas em exclusivo na abordagem da problemática enunciada. Por conseguinte, o estudo inicia-se com uma sucinta revisão da sua história, seguindo-se a análise de uma seleção restrita ou de um conjunto de livros situados no universo em causa, intentando-se assinalar um conjunto de singularidades textuais e visuais/gráficas, numa tentativa de contribuir para a sua caracterização/definição.

No capítulo décimo terceiro, intitulado *A humanização da biblioteca escolar. Contributos para o desenvolvimento de uma relação afetiva*, Fabíola Lopes e Fernando Cachetas Pinto abordam o papel do livro como objeto transmissor de conhecimento, por excelência, e a escola como espaço de partilha e de construção de sentidos plurais e multidisciplinares, ingredientes fundamentais da Biblioteca Escolar. A partir da reflexão sobre os conceitos de leitura, de oracia, de literacia, de literatura infantojuvenil, e da problematização sobre os efeitos na criança leitora da antropomorfização do livro, os autores relatam a experiência de uma atividade passível de ser concretizada em contexto escolar, adaptada da sua circunstância original: uma experiência social – o projeto *A Human Library*. Participaram na atividade de *Human Library* 16 alunos do 3.º e 4.º anos do Ensino Básico, que responderam a um inquérito por questionário, pré e pós-teste, e a uma entrevista final. As respostas das crianças permitem concluir que a atividade de antropomorfização do livro, através da adaptação de uma sessão da *Human Library*, potencia

alterações nas crianças relativamente ao conceito de livro, do ato de leitura, de biblioteca escolar e de escola.

No capítulo décimo quarto, Ana C. de Azevedo Silva e Verônica Pontes refletem sobre o papel do texto poético na escola e a sua importância na formação leitora. Segundo as autoras, os alunos, que terminam o Ensino Básico, saem sem um mínimo de conhecimento sobre o texto poético, dados esses que são confirmados a partir dos índices das pesquisas realizadas nas diversas séries do ensino brasileiro. A situação nas escolas potiguaras não fica aquém desses índices e mostra-se preocupante numa sociedade situada num discurso sobre multiletramentos e multimodalidades discursivas. Por vezes, o aluno desconhece o texto poético porque, talvez, o próprio docente não apresente esse tipo de texto em sala de aula e, em casa, a criança nem sequer tenha modelos leitores. Para essa pesquisa as autoras traçaram o perfil leitor dos seus alunos a partir de questionários fechados com perguntas relativas aos temas leitura e poesia. Sobre o tema da formação do leitor literário, Ana C. de Azevedo Silva e Verônica Pontes apoiaram-se num referencial teórico de vários autores brasileiros e portugueses e o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais brasileiros. Assim, discutem a importância da poesia na sala de aula a partir da ideia de possibilitar ao leitor o direito à fruição, através da experiência de reinvenção que parte do texto e não só o trato didático previsto em sala. A poesia retrata a polissemia da palavra, das imagens e da realidade, criações que dialogam fundamentalmente com a fase infantil, não só numa abordagem leitora, mas também de desenvolvimento do próprio indivíduo.

No capítulo décimo quinto, Maria C. Silva Batista e Verônica Pontes analisam o papel da literatura infantil na formação leitora. As autoras consideram que a escola é um espaço responsável pelo ensino e difusão do conhecimento, com

a função de socializar e construir o conhecimento, sendo inerente e necessária à formação de base dos cidadãos. Por meio de um estudo desenvolvido junto de uma realidade rural da cidade de Mossoró (Brasil), as autoras instigam a comunidade para a reflexão em torno da prática da leitura na escola e sobre o papel dos professores em torno da formação de leitores, via uma intervenção com diversas atividades de formação leitora, a expansão do acervo literário, e práticas de leitura diária.

No capítulo décimo sexto, Roseli Vergopolan e Fernando Azevedo analisam a figura mitológica do Saci-Pererê no imaginário das crianças brasileiras. Trata-se de uma história autóctone, contada de norte a sul do Brasil, que mantém vivo um mito que nasceu nos contos indígenas e se tornou um clássico da literatura infantil brasileira, em 1918, com a obra *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*, publicada por Monteiro Lobato. Os autores explicam as origens do mito, as influências dos povos europeus e africanos nos aspectos físicos do mito; as variações da história nos diferentes estados brasileiros e a utilização da história pelos professores no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental como estímulo à prática cultural e literária infantil.

No último capítulo, intitulado *História e efemérides na Literatura Infantojuvenil: mediação familiar. Estudo Exploratório*, Lúcia Barros e Fernando Azevedo, partindo dos princípios da Educação Literária e tendo por base um conjunto de três obras da Literatura Infantil Contemporânea, nacional e internacional, que abordam questões ligadas à História e às Efemérides, propõem-se explorar e dar a conhecer o potencial temático da Literatura para a Infância e Juventude junto do primeiro mediador: a família.

No âmbito do estudo exploratório, que aqui se apresenta, os autores analisam sumariamente o *corpus* que sustenta uma das temáticas que enforma um programa de educação literária na

família, desenvolvido sob a forma de estudo de caso, junto de um grupo de famílias de crianças de 7-8 anos. Neste estudo exploratório, os autores apresentam estratégias de abordagem às obras utilizadas, bem como alguns resultados da implementação das mesmas em contexto familiar. Partindo da análise dos testemunhos das famílias envolvidas, este estudo permite concluir que o conhecimento de obras e de meios, que ajudem os pais a criar contextos favoráveis de leitura em ambiente familiar, através da descoberta do potencial temático encerrado na LIJ, vem contribuir para o alargamento do conhecimento enciclopédico dos envolvidos, despertar a curiosidade pelas histórias de vida familiares, reforçar laços afetivos, alargando, simultaneamente, o leque de práticas de literacia familiar.

No fundo, todos os textos nos falam sobre a criança, o seu modo de ser e de aprender, o seu modo de estar e de viver, e a diversidade de olhares de que ela é alvo quando perspetivada na ótica do campo científico dos Estudos da Criança.

CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho, 2018

*Fernando Azevedo
Helena Vieira
Natália Fernandes
Beatriz Pereira*